

# **Dr. David deSilva , Apócrifos, Aula 5, Um Olhar Mais Próximo: Tobias, Susana, Baruque, Carta de Jeremias, Bel e o Dragão**

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David DeSilva em seu ensinamento sobre os Apócrifos. Esta é a sessão 5, Um olhar mais atento: Tobias, Susana, Baruque, Carta de Jeremias, Bel e o Dragão.

Com o livro de Tobias, começamos a olhar para textos dos Apócrifos, cujo foco está mais na vida dos judeus na Diáspora.

Tobias, como Judite, é um conto edificante, uma obra de ficção histórica, e provavelmente foi composto em aramaico ou hebraico, provavelmente na Palestina, talvez na Diáspora Oriental. Vários manuscritos de Tobit foram encontrados entre os Manuscritos do Mar Morto. Sabemos que estava sendo lido em Israel antes de cerca de 100 AC.

E assim, 100 AC ou mais seria a última data de sua composição. Mas muitos estudiosos pensam que foi composto antes mesmo dos eventos de 175 e após aqueles anos tumultuados que revisitamos quando falamos sobre o primeiro e o segundo Macabeus. Não há reflexos de nada disso neste texto.

Tobias, como Judite, é apenas mais uma história maravilhosa, cujo objetivo deve ter sido simplesmente entreter com uma grande história. A história de Tobias começa na terra de Israel, na verdade, no Reino do Norte. E encontramos Tobit brevemente como um israelita devoto observador da Torá do Reino do Norte que, apesar das tendências do reino, ainda assim foi a Jerusalém, ao templo de lá para adorar, exatamente como a lei prescreve, e que fielmente se envolveu em atos de esmola. e outros atos de caridade.

No entanto, apesar de sua fidelidade, ele compartilha do destino do Reino do Norte quando a Assíria invade e leva cativos muitos dos membros do Reino do Norte. E assim, ele se encontra em Nínive. E também lá em Nínive ele permanece fiel à lei de Deus, não comendo a comida dos gentios, cuidando dos necessitados entre o seu povo e carregando os cadáveres dos judeus executados.

Este último ato de piedade, carregar os cadáveres de judeus executados, é o que o coloca em apuros por lá. Estes judeus foram executados pelo rei assírio, Senaqueribe, que é o arqui-vilão da história do saque do Reino do Norte. Então, Senaqueribe confisca a propriedade de Tobit e envia ele e sua família para o exílio.

Depois que Senaqueribe é assassinado, Tobit consegue retornar a Nínive, à sua propriedade, à sua vida anterior, e retorna ao seu ato normal de piedade para com os mortos. Uma noite, porém, enquanto ele dormia em seu pátio, excrementos de pássaros caíram em seus olhos e o cegaram. E a partir de então, ele passa a depender de sua esposa, Anna, para obter renda, e acha difícil conviver com a crescente desgraça da mesma.

E assim, eventualmente o encontramos orando a Deus para deixá-lo morrer e acabar com sua vergonha. Neste ponto, o autor corta para outra cena, para alguns parentes de Tobit, que estão passando por dificuldades em Ecbátana, onde Sara, filha de Raguel e Edna, teve sete maridos sem consumir nenhum dos casamentos porque existe um demônio chamado Asmodeus quem tem ciúmes dela. E assim, toda vez que Sarah entra em sua câmara nupcial na noite nupcial, Asmodeus mata o marido.

Depois que o sétimo desses maridos morre, ela entra em uma disputa com sua serva, e sua serva a provoca como sendo aquela que mata seus maridos. E assim, neste ponto, Sara, sendo ofendida por um de seus próprios servos, ora a Deus para ser libertada ou para morrer, para não ser sujeita a mais desprezo. Neste ponto, o autor intervém para comentar, introduzindo assim um spoiler, que as orações de Tobias e Sara ascenderam diante de Deus e que o anjo Rafael foi enviado por Deus para curar ambos.

Voltamos a Tobit em Nínive. Tendo orado pela morte, ele espera que Deus responda à sua oração, e assim ele coloca seus assuntos em ordem. Ele conta a seu filho Tobias sobre um depósito de dez talentos de prata que pertencia à família e que havia sido deixado em custódia com um homem chamado Gabael , na Média.

Ele dá a Tobias algumas instruções éticas para a vida e diz-lhe para encontrar um companheiro para esta perigosa viagem que tem pela frente enquanto ele sai para recuperar o dinheiro, e assim salvar sua família da pobreza e continuar a cuidar de sua mãe, a quem Tobit espera sobreviver. ele. Tobias sai ao mercado e retorna com um homem chamado Azarias, que, na verdade, o autor nos diz ser o anjo Rafael disfarçado de homem, e Tobit aprova Azarias como companheiro. Assim, Tobias e Azarias partiram e, na primeira noite da viagem, acamparam junto ao rio Tigre. enquanto Tobias lava os pés após um dia de viagem, um grande peixe salta do rio e tenta mordê-lo.

Azarias o instrui a agarrar o peixe e arrastá-lo para a costa, e ele instrui Tobias a pegar o fígado e o coração do peixe, e sua vesícula biliar porque, Azarias diz a ele, o fígado e o coração do peixe podem ser usados para exorcizar um demônio. , e a bÍlis do peixe pode ser usada para curar a cegueira. Hmm, eu me pergunto como tudo isso vai acabar no final. Ao longo do caminho, Azarias convence Tobias a fazer um desvio na viagem e ir até a casa do parente de Tobias, Raguel, e se casar com Sara.

Tobias conhece a história dela e expressa relutância em ser o número oito nesta fila, mas Azarias lhe garante que tudo vai dar certo, que Deus tem isso sob controle, e assim o casal se casa e sobrevive à noite de núpcias, graças às instruções de Azarias. . Faça uma oração, queime o fígado e o coração do peixe, e o demônio foge para os confins do Egito, onde, durante a noite, Azarias, como o anjo Rafael, amarra o demônio e cuida daquele problema. Durante a festa de casamento de 14 dias que se segue à bem-sucedida noite de núpcias, Azarias completa a missão de ir à Média e recuperar os dez talentos de prata e, finalmente, o anjo, o casal e os dez talentos de prata conseguem chegar em segurança. de volta a Nínive, a Tobit e Anna, que estão muito felizes por seu filho retornar vivo e casado com alguém de sua tribo.

Assim que chega em casa, Tobias passa a bÍlis da vesícula biliar do peixe nos olhos do pai, e as pelÍculas brancas que cegaram seu pai se soltam e ele consegue enxergar novamente. Então o anjo se revela em particular a Tobit e Tobias, como, de fato, Rafael, um dos sete principais anjos que estão na presença de Deus. Ele os instrui a continuar a dar glÓria a Deus e a continuar a dar testemunho da libertação de Deus.

No final do livro, Tobit fala profeticamente sobre a futura libertação do povo disperso de Deus e morre após dar a Tobit as instruções éticas finais. Agora, a história de Tobias é valiosa para muitas coisas, mas uma das coisas em que ela realmente nos ajuda é ter uma janela para a ética judaica do Segundo Templo, tanto na forma como encontramos esses personagens vivos quanto na explícita instruções éticas que Tobit dá ao seu filho Tobias em duas ocasiões. No Deuteronomio, a caridade para com os israelitas necessitados é explicitamente recomendada e, de fato, ordenada.

Você deve abrir sua mão generosamente aos seus companheiros israelitas, aos necessitados entre vocês e aos pobres que vivem com você em sua terra. E esta é provavelmente a prática ética mais importante que o livro de Tobias recomenda. Enquanto ainda estava em Israel, o autor nos conta que Tobit reservou diligentemente um segundo dÍzimo para distribuição, entre aspas, aos órfãos e viúvas e aos gentios que se juntaram a Israel e, assim, deixaram para trás suas famílias e suas redes de apoio.

Enquanto estava no exÍlio, Tobit continuou a apoiar seus parentes e outros israelitas no exÍlio conforme necessitavam, compartilhando sua mesa com os pobres. Ele enterrou os corpos expostos dos israelitas que haviam sido assassinados ou executados e simplesmente os jogou fora dos muros de Nínive. No primeiro discurso, em que Tobit dá instruções ao filho, são dados quatro ou cinco versÍculos inteiros para promover a esmola.

E assim, leremos juntos o versÍculo sete e seguintes. Para todos que praticam a justiça, façam doações com base no que vocês têm. E não deixe seus olhos invejarem o que você deu.

Não vire o rosto de nenhum pobre, e o rosto de Deus nunca se afastará de você. Dê ajuda, meu filho, de acordo com o que você tem. Se você tem muito, faça uma doação com o seu. Se você tem pouco, não tenha medo de fazer uma doação proporcional.

Dessa forma, você acumulará um tesouro valioso para um momento de necessidade. Dar assistência aos pobres resgata uma pessoa da morte e evita que ela caia na escuridão. Para todos que o fazem, doar dinheiro aos necessitados é um bom presente aos olhos do Altíssimo .

Agora, ao dar estas instruções, Tobias, é claro, reflete a ordem de Deuteronômio. Além disso, a promessa de Provérbios 19 diz que aqueles que são misericordiosos com os pobres emprestam ao Senhor, e o Senhor lhes retribuirá integralmente. Mas Tobit magnifica a virtude da esmola e a sensação de que dar aos necessitados é realmente o investimento mais inteligente que uma pessoa pode fazer agora, no presente, contra um futuro incerto.

O anjo Rafael, em seu discurso a Tobias e Tobias, promoverá ainda mais essa ideia de que o que você acumula com o pobre é, na verdade, acumular para si um tesouro para o futuro pela maneira como Deus vê positivamente o ato. de dar esmola. Então, o anjo dirá que é melhor dar esmola do que acumular ouro, pois a esmola salva da morte e expurga todo pecado. Aqueles que dão esmolas desfrutarão uma vida plena, mas aqueles que cometem pecados e fazem coisas erradas são os seus piores inimigos.

Na verdade, foram as próprias obras de bondade de Tobit para com os necessitados que o levaram ao conhecimento da corte de Deus em primeiro lugar. Rafael revela que foi por causa da esmola de Tobit que quando a oração de Tobit subiu ao céu, Deus percebeu e decidiu enviar Rafael para ajudar. Isso resultou na provação de Tobit, no período de sua cegueira e na decisão de Deus de trazer cura para toda a sua família e para sua linhagem, fornecendo a Tobias uma noiva adequada em Sara.

Agora, esta seria mais uma daquelas passagens que colocaram os apócrifos em apuros na época da Reforma Protestante, porque parece promover a ideia de que, ao dar esmolas por meio de obras de caridade, você pode acumular mérito para o futuro para si mesmo. com Deus e assim ser recompensado por Deus em algum momento futuro. Em defesa de Tobias, eu diria, no entanto, que, como veremos numa palestra posterior, até mesmo Jesus adota a ideia de que doar bens àqueles que atualmente estão necessitados é a melhor maneira de acumular um tesouro para si mesmo. céu porque este é precisamente o tipo de amor ao próximo que Deus valoriza. Um dos outros valores que o livro de Tobias promove é o valor da endogamia, do casamento dentro da mesma raça, do mesmo grupo étnico, mesmo dentro da própria tribo, ou ainda mais próximo dentro do próprio clã.

E assim, nas instruções que Tobit dá ao seu filho Tobias no quarto capítulo do livro, após falar sobre a virtude da esmola, Tobit fala sobre a importância da endogamia. Ele escreve: Uma coisa que é especialmente impressionante aqui é que Tobit, o autor de Tobit, fala do casamento fora da etnia judaica como uma espécie de fornicção, o que é bastante impressionante. É casamento, mas por outro lado, é uma espécie de perversão sexual, porque o que é realmente importante é manter pura a linhagem de Israel.

No livro de Tobias, também encontramos uma declaração inicial da regra de ouro, que também tem sido chamada de regra de prata, porque é afirmada apenas de forma negativa. Tobit diz ao filho: o que você odeia, não faça a ninguém. Ao longo da história, também encontramos uma afirmação da compreensão da história de Deuteronômio do começo ao fim.

Os personagens e até mesmo o enredo do livro apresentam a afirmação da verdade de que a obediência à aliança resulta em bênção, tanto para o judeu individual e sua família agora quanto para a nação como um todo, enquanto a desobediência à aliança resulta em maldição. . O autor é franco ao dizer que Israel vai para o exílio na Assíria por causa das violações desenfreadas da aliança em todo o reino do norte, embora o próprio Tobit não tenha participado. Em Tobias também encontramos um testemunho do crescente interesse por anjos e demônios.

O mundo de Tobias é, em grande medida, diferente do mundo do Antigo Testamento, onde anjos podiam aparecer de vez em quando sob disfarces desprezíveis, mas agora eles atuam ao lado de todos os homens da história. Um anjo caminha ao lado de Tobias e ajuda a família. Um demônio, Asmodeus, atormenta outra parte da mesma família.

E assim temos um mundo histórico no qual esperamos que esses seres espirituais intermediários, servindo a Deus e não servindo a Deus, sejam ativos na vida humana. Temos uma janela para este desenvolvimento da angelologia em particular, diferentes ordens de anjos, anjos comuns e também os sete anjos que estão na presença de Deus, dos quais Rafael é um. E uma sensação destes anjos como intermediários contínuos entre os seres humanos e Deus.

São os anjos que levam as orações ao conhecimento de Deus. São os anjos que são enviados para cumprir as petições conforme Deus decidir. Também no Livro de Tobias, digno de nota é um exemplo de oração, a oração que Tobias faz na sua noite de núpcias.

Se você espera que um demônio o mate, é um bom momento para orar. E esta oração teve um impacto duradouro na liturgia cristã em muitas igrejas. Pode aparecer como uma leitura do Antigo Testamento em um casamento.

E aí encontramos isso. Bendito sejas tu, Deus dos nossos antepassados, e bendito seja o teu nome por todas as gerações. Que os céus e toda a sua criação o abençoem para sempre.

Você criou Adão e criou Eva, sua esposa, para ajudá-lo e apoiá-lo. E dos dois surgiu a raça humana. Você disse que não é bom que o homem fique sozinho.

Vamos fazer dele um ajudante como ele. Não vou levar esta minha irmã agora por desejo, mas com integridade honesta. Conceda que ela e eu recebamos misericórdia e envelheçamos juntos.

Agora, a forma desta oração dá-nos um paradigma de oração que persiste notavelmente tanto na prática judaica como na cristã ao longo dos séculos. A primeira linha é na verdade uma expressão litúrgica comum de salmos ou hinos intertestamentais e até mesmo dos próprios salmos. Mas depois dessa abertura, encontramos atenção dada aos propósitos de Deus como o dispositivo de enquadramento, por assim dizer, para a oração.

E esses propósitos divinos são nomeados, e esses são os propósitos que ficam implicitamente comprometidos se a oração não for respondida. Ou seja, os propósitos de Deus para um homem e uma mulher, especificamente para este homem, que está em maior perigo do que esta mulher, Tobias e Sara. Tobias afirma que os seus propósitos ao casar estão, de fato, alinhados com os propósitos de Deus para o mesmo.

Só depois disto e nesta base é que Tobias faz o seu pedido, nomeadamente que eles sobrevivam à noite e vivam para cumprir os propósitos de Deus na criação e na instituição do casamento um com o outro. Este modelo, de certa forma, orando segundo a vontade de Deus de uma forma que continuaria a ser evidente na liturgia cristã. Oração após oração, coleta após coleta, desenvolvidas nas igrejas católica romana, ortodoxa oriental e anglicana, seguem exatamente esse padrão.

Alguma declaração sobre o caráter de Deus, os propósitos de Deus e as ações de Deus como base e estrutura para a petição que se segue. O peticionário considera primeiro os pedidos de Deus, desculpe, os propósitos de Deus primeiro, solicitando apenas o que se alinha com esses propósitos. Finalmente, quero chamar a atenção para a escatologia de Tobias.

Nos capítulos 13 e 14 deste livro, Tobit, o idoso Tobit, pouco antes de morrer, dá voz a previsões sobre o que Deus ainda fará pelo povo de Deus no futuro. E assim, lemos no versículo 13: Dai testemunho dele, israelitas, na presença das nações, porque ele vos espalhou entre elas. Ele irá puni-los por seus atos injustos, mas também terá

misericórdia de todos vocês e os reunirá dentre todas as nações entre as quais vocês foram espalhados.

Quando você se volta para ele de todo o coração e com todo o seu ser para agir sinceramente diante dele, então ele se voltará para você e nunca mais esconderá seu rosto de você. Um traço comum nas declarações escatológicas deste período é a esperança de que Deus realmente reverteria a diáspora. Ele reuniria o povo de onde quer que tenha sido espalhado, por qualquer motivo, de volta à terra que Deus originalmente lhes deu, prometida aos seus antepassados para ser deles para sempre.

É claro que também notamos, dentro da estrutura de Deuteronômio, que quando você se arrepende, quando você pratica novamente as obras da aliança, esse futuro glorioso acontecerá. Agora, o que também é digno de nota na escatologia de Tobias é que o autor oferece esperança aos gentios neste futuro glorioso. Muito diferente do que testemunhamos em 2º Esdras, por exemplo, onde as nações são cuspidas aos olhos de Deus.

Mas aqui há esperança, uma esperança que, claro, nasce de textos proféticos, especialmente alguns textos de Isaías, de que as nações chegarão à luz do conhecimento de Deus no futuro. Assim, em Tobias 13, vemos, uma luz brilhante brilhará nos cantos mais distantes da terra. Muitas nações virão de longe até você, e habitantes de todos os confins da terra virão ao seu santo nome.

Eles levarão presentes nas mãos para o rei dos céus. Então, no capítulo final, todas as nações de toda a terra se voltarão e reverenciarão genuinamente a Deus. Todos eles deixarão para trás os ídolos que os enganaram e os levaram ao erro.

Eles louvarão o Deus eterno em justiça. E assim, aqui no período intertestamentário, temos outra declaração clara daquela esperança profética que também impulsionaria outros judeus como Paulo na sua missão de cumprir estas previsões. Este cumprimento da esperança de Israel para as outras nações ao seu redor.

Quando nos voltamos para as adições a Daniel, descobrimos que realmente estamos nos voltando para uma versão mais gorda de Daniel. Quando Daniel foi traduzido para o grego, foi traduzido para uma edição ampliada que incluía duas histórias adicionais. As histórias de Susanna que agora nos ocuparão e de Bel e o dragão, às quais voltaremos em breve.

E ampliado pela adição de duas longas e belas peças litúrgicas. Uma oração de penitência, conhecida como oração de Azarias, e um salmo de ação de graças e libertação, conhecido como o cântico dos três jovens. Por enquanto, consideremos simplesmente a primeira dessas cenas extras, digamos, na versão grega de Daniel.

A história de Susana. Susanna poderia muito bem ter começado como uma história independente sobre uma pessoa sábia sem nome que só passa a ser identificada com Daniel quando a história é trazida para a órbita do sábio Daniel. E nesse ciclo de histórias, seis das quais nos são familiares pela leitura do livro canônico de Daniel.

Está focado na vida dentro da comunidade judaica na Diáspora Oriental, assim como o livro de Tobias. Destacando alguns problemas com a regra deuteronomística de que o depoimento de duas testemunhas é suficiente para confirmar um fato. E o potencial para abuso de autoridade e confiança dentro da comunidade judaica da Diáspora.

A história é contada brevemente e na casa de Hilquias se reuniu a comunidade judaica da Diáspora. Os juízes da comunidade faziam ali o seu trabalho, ouvindo casos e regulando a vida da comunidade judaica da Diáspora.

Aliás, testemunhando pelo menos algumas áreas em que os Judeus da Diáspora exerceram uma grande auto-governança dentro da sociedade anfitriã. Bem, Hilquias tinha uma esposa adorável chamada Susanna. E dois dos juízes que se reuniam na casa de Hilquias começaram a gostar de Susanna.

E como diz o autor, eles desviaram os olhos do medo do céu. E assim que fazem isso, tornam-se vítimas da inclinação maligna que existe dentro deles. Então, um dia, depois de encerrados os negócios da manhã, todas as pessoas vão para casa.

Esses dois juízes voltam para a casa de Hilquias. E eles se encontram fora de casa. E ambos não sabem como explicar seu reaparecimento aqui.

Então, eles finalmente confessam um ao outro o que realmente estão fazendo. E descobrem-se aliados no desejo de desfrutar sexualmente de Susanna. Então, eles foram para o jardim da casa de Hilquias.

E esperam que Susanna tome seu banho diário. E quando ela o faz, e seus assistentes são dispensados, eles saltam sobre ela e exigem que ela se deite com eles. E eles a ameçam.

Eles disseram, se você não fizer isso, seremos juízes. Diremos que encontramos você aqui com um jovem prestes a cometer uma má ação. E diremos que ele escapou, mas nós pegamos você.

Então, você terá um final ruim, a menos que ceda a nós. E Susana, sendo uma mulher virtuosa e com um compromisso absoluto com Deus, diz que é melhor para ela cair nas mãos de Deus. Então, ela se recusa a quebrar a lei de Deus por causa da ameaça deles.



Bem, acontece que, assim como os mais velhos ameaçam, eles pedem ajuda. Os servos entram correndo e denunciam Susanna como tendo estado prestes a cometer adultério com um jovem sem nome e sem rosto. Ele segue para julgamento.

E estes dois juízes testemunham contra Susanna. E o veredicto dos outros juízes, claro, baseado na reputação dos dois primeiros juízes, condenou-a à morte. Enquanto ela é levada para execução, encontramos o herói da história.

Um jovem dá um pulo e diz: Não participarei do derramamento de sangue inocente. O narrador nos conta que este é Daniel, o jovem. E Daniel diz, deixe-me examinar essas testemunhas e descobrir ou expor a mentira que elas contaram sobre esta mulher inocente.

Então, ele separa os dois juízes e pergunta a um deles, debaixo de qual árvore você viu esse casal supostamente prestes a cometer adultério? E o juiz diz, debaixo de um teixo. E Daniel diz: malfeitor, Deus o cortará em dois por esta mentira. Na verdade, o trocadilho não estava em inglês no original.

Ele questiona o segundo juiz e pergunta : debaixo de que árvore você encontrou esses dois prestes a cometer o crime? E ele diz, debaixo de um pinheiro. E Daniel diz algo espirituoso sobre como Deus o julgará por sua mentira. E assim, ele expõe, perante toda a assembleia, através de interrogatório, a mentira destas duas testemunhas que estiveram em conluio contra Susanna, e ela é salva.

Daniel é celebrado como um grande e sábio homem. Ora, esta história, que provavelmente não está mais no texto do que acabei de incluir no meu resumo, apresenta Susana como uma espécie de figura de mártir. Escolher a lealdade a Deus em vez da desobediência que traz segurança temporária.

E assim, cai naquele padrão de histórias cortesias, onde alguém está em perigo por causa do seu compromisso com a virtude, mas Deus liberta essa pessoa no final. É também uma reflexão, mais uma vez, sobre o direito significativo de autogovernança de que algumas comunidades judaicas, pelo menos, gozavam em ambientes de diáspora, bem como sobre a utilização da Torá como código de direito civil e penal. A lei em Deuteronomio 22:22 diz: Se um homem for pego dormindo com a esposa de outro homem, ambos morrerão, o homem que se deitou com a mulher, assim como a mulher.

Então, você deve expurgar o mal de Israel. Esta história é escrita como se fosse, de fato, uma estipulação, um regulamento, que é regularmente aplicado de fato. E também reflete a lei de Deuteronomio a respeito de uma denúncia feita contra um israelita.

Diz em Deuteronômio 19 que os juízes farão uma investigação completa. Se a testemunha for falsa, tendo testemunhado falsamente contra outra pessoa, então você deverá fazer com a testemunha falsa exatamente o que a testemunha falsa pretendia fazer com a outra. Então você deve limpar o mal do seu meio.

E Daniel, de fato, é quem se apresenta e mostra como fazer uma investigação aprofundada para detectar falsas testemunhas. A história também reflete Êxodo 23, versículo 7. Fique longe de acusações falsas e não mate os inocentes e os justos, pois não absolverei os culpados. E é precisamente isso que motiva Daniel a saltar no momento certo e salvar o dia.

Voltaremos a alguns dos outros acréscimos a Daniel encontrados na versão grega de Daniel. Mas primeiro quero dar uma olhada no livro de Baruque, outro livro que enfoca a situação de Israel no exílio. Baruch é frequentemente considerado criticamente pelos leitores como pouco mais que um pastiche de textos do Antigo Testamento, um livro pouco original.

Mas eu sugeriria que a sua genialidade reside justamente nesse facto. Dentro de cinco capítulos curtos, uma grande variedade de materiais tradicionais são reunidos de forma significativa para lidar com o fato da dominação estrangeira na terra e da existência como um povo disperso pelas terras dos gentios. O livro está estruturado de acordo com a compreensão da história do próprio Deuteronômio e sua receita para a restauração, ou seja, o arrependimento e o retorno à lealdade e observância da aliança.

Começa com uma longa liturgia prescrita por Baruch para o povo de casa, uma oração de confissão em nome do povo como um todo e um pedido de ajuda de Deus. A parte central de Baruch segue uma linha completamente diferente. De repente, encontramos um poema de sabedoria, um texto de sabedoria, tal como poderia ter sido encontrado em Ben Sira, sobre o retorno à Torá, a fonte da sabedoria.

E finalmente, na terceira parte do livro, uma seção profética, que lembra muito alguns textos muito particulares do livro de Isaías, a promessa de restauração de Jerusalém e a promessa de reunir de volta seus filhos das terras em que eles foram espalhados, endereçados a Sião em luto. Assim, embora por um lado seja altamente derivado das escrituras, é um compêndio criativo de material de toda a herança bíblica judaica para abordar uma situação de exílio e dominação estrangeira. Pode ser uma obra que cresceu ao longo do tempo ou é uma obra composta.

Há claramente um original hebraico para os capítulos 1:1 a 3:8, que é a porção litúrgica, as orações de confissão e arrependimento que são prescritas tanto para os judeus que permanecem na terra como para os judeus dispersos. Mas pode ser que a segunda parte tenha sido composta em grego, como uma espécie de extensão da

primeira parte. O grego é provavelmente o idioma original de 4:5 a 5:8. E há alguma incerteza sobre o poema de sabedoria que intervém.

A data da obra também é um mistério. Uma das ênfases notáveis do Livro de Baruch é a doutrina da lei da Torá. E, na verdade, é muito semelhante ao que encontramos na sabedoria de Ben Sira a este respeito.

A Torá não é um fardo. A Torá não é um jugo pesado para carregar. A Torá é antes uma manifestação do favor de Deus, da graça de Deus.

Lemos naquele poema sapiencial, por exemplo, que Deus descobriu todo o caminho para o conhecimento e o deu ao seu servo Jacó e a Israel, a quem ele amava. Depois, ela apareceu na terra e viveu com a humanidade. Ela é o livro dos mandamentos de Deus, a lei que dura para sempre.

Todos os que a abraçam viverão, e aqueles que a abandonarem morrerão. Felizes somos nós, ó Israel, porque sabemos o que agrada a Deus. Assim, novamente, como em Ben Sira, temos esta evidência deste desenvolvimento onde a figura da sabedoria é agora identificada de forma bastante específica com o livro dos mandamentos de Deus.

O rolo da Torá é agora a encarnação da sabedoria. E Israel tem sorte, não está sobrecarregado, mas é privilegiado por saber o caminho para agradar a Deus e assim experimentar a bênção de Deus. Há também uma espécie de visão pastoral que surge na primeira parte de Baruque e que merece nossa atenção.

E esse é o fato de que, em meio ao sofrimento do castigo, chegamos a um ponto em que reconhecemos a correção da nossa situação. O ponto de partida para a restauração, para a reversão, é reconhecer, como reconhece o autor destas orações, que o Senhor nosso Deus está certo. Mas hoje há uma vergonha aberta sobre nós e sobre o povo de Judá, sobre os habitantes de Jerusalém, e sobre os nossos reis, os nossos governantes, os nossos sacerdotes, os nossos profetas e os nossos antepassados, porque pecamos diante do Senhor.

E na segunda oração de arrependimento no mesmo documento, o Senhor nosso Deus está certo, mas há uma vergonha aberta sobre nós hoje e sobre nossos antepassados hoje. Portanto, o que encontramos nestas belíssimas orações litúrgicas de penitência é o ponto de partida do reconhecimento da justiça de Deus e da assunção do pecado por parte daqueles que caíram nestas maldições anunciadas em Deuteronomio. A carta de Jeremias é um texto frequentemente associado a Baruque.

Na verdade, na versão King James, e aqui está outro boato para os desprezadores dos apócrifos, a versão King James foi publicada com os apócrifos em 1611 e

continuou a ser impressa como tal sem interrupção, pelo menos até 1631. Então, todos vocês, King James Pessoas que só usam versões, lembrem-se disso. A carta de Jeremias é frequentemente apresentada como um sexto capítulo de Baruque, mas com toda a probabilidade era originalmente uma composição independente.

Vem da Diáspora. Sua linguagem original ainda é motivo de controvérsia, mas seu propósito é simples. O autor quer, na forma de escrever-lhes uma carta como se fosse de Jeremias, preparando-os para o exílio, o verdadeiro autor quer difundir a atração e o espanto que cerca a religião gentia.

Ele quer difundir o poder de ver a maioria das pessoas ao seu redor, a maioria dos seus vizinhos, engajados em tal religião. Os escritores de textos como este compreenderam a pressão social de uma forma que pode parecer avançada. Se a maioria estiver fazendo isso, talvez esteja certo.

Talvez os meus compromissos com um modo de vida minoritário, uma crença minoritária, uma prática minoritária, talvez isso seja errado, mesquinho. Talvez eu devesse mudar. Bem, estes autores judeus queriam proteger-se contra essa eventualidade sempre que os judeus se encontrassem subitamente na cultura minoritária.

E assim, lemos passagens como esta na abertura da Carta de Jeremias. Na Babilônia, você verá deuses de prata, ouro e madeira desfilando nos ombros dos babilônios. Esses deuses inspiram admiração entre as pessoas.

Tenha cuidado para não se tornar como os gentios, permitindo que o medo desses deuses tome conta de você, especialmente quando você vê grandes multidões andando na frente e atrás deles, adorando-os. Mas diga a si mesmo: Senhor, queremos te adorar. O autor desvia a atenção da evidente devoção religiosa dos povos gentios em torno da comunidade judaica e coloca-a nos próprios ídolos à medida que o documento avança.

Ou seja, o autor se envolve numa espécie de redução ao absurdo da religião gentia ao focar na estátua, ao focar no ídolo como a própria coisa que está sendo adorada. E então, ele falará sobre eles como pedaços sem vida de metal, pedra e madeira que esses idiotas ao seu redor, esses gentios, pensam que podem ajudá-lo, pensam que são um ser divino. Portanto, toda a pompa e circunstância da religião gentia poderia, portanto, ser mais facilmente descartada.

Então, ao lermos esse discurso, esse discurso contra a idolatria, encontramos uma série de afirmações nesse sentido. Os ídolos são apenas pedaços de metal, pedra ou madeira sem vida. Os ídolos são carregados em procissão porque não conseguem se mover sozinhos.

Se um ídolo cair, ele não poderá evitar. Ele não consegue se levantar sozinho. Se um templo pegar fogo, os sacerdotes escapam, mas o ídolo é queimado como uma viga no telhado.

Um ídolo não pode impedir um ladrão de arrancar o folheado de ouro de seu exterior. Portanto, os gentios são estúpidos em orar por ajuda de coisas indefesas. E o refrão constante é: por que alguém deveria pensar neles como deuses ou tratá-los como tal? E um segundo refrão: claramente, eles não são deuses, então não os reverencie.

Portanto, a Carta de Jeremias é apenas mais um texto entre muitos, e na verdade temos vários bons precedentes para isso na literatura profética do Antigo Testamento. Isaías, quero dizer 44, mas posso estar fora. Jeremias 10, textos como este já usam muito da mesma retórica, e a Carta de Jeremias é basicamente uma breve homilia que expande essas sementes de pensamentos nos textos proféticos.

É um dos muitos textos apócrifos, e pode-se encontrar livros fora dos apócrifos que também seguem essa linha, que tentam isolar os judeus da religião da cultura majoritária, das práticas religiosas dos gentios. A Carta de Jeremias é direta. Quero dizer discurso, mas o discurso está realmente certo, e o discurso retórico está realmente certo. Mas as narrativas e as histórias também desempenham precisamente a mesma função.

E aqui voltamos a outra das adições a Daniel, a história de Bel e o dragão, ou como dizem algumas traduções mais modernas, como a Common English Bible, Bel e a cobra. Porque a mesma palavra em grego, drakon, poderia se referir a cobras na grama ou aos dragões mais fantasiosos. Este livro é como o Livro de Susana, como a história de Susana, outro tipo de história policial.

Como podemos descobrir a verdade sobre o que está acontecendo? E é realmente um par de contos compostos para andarem juntos. Referem-se, o segundo refere-se ao primeiro, e o clímax de toda a história se constrói na sequência desses dois contos. Duas histórias que ridicularizam a prática religiosa dos gentios.

A primeira história, a história de Bel, retrata o rei persa conduzindo Daniel ao templo de Bel e dizendo: Bel não é um grande deus? Veja este magnífico templo. Olhe aí e me diga que Bel não é um grande deus. O rei apresenta evidências de que Bel é um deus vivo.

O fato é que todos os dias os sacerdotes colocam as ofertas diante de Bel e, na manhã seguinte, a comida sempre acaba. Bel é verdadeiramente um deus vivo, banqueteadando-se com os sacrifícios que lhe oferecemos dia após dia. E Daniel realmente ri na história e diz: King, não se engane, mas deixe-me ir e eu lhe mostrarei o que realmente está acontecendo aqui.

Então, Daniel, recebendo licença do rei, entra no templo e, sem que ninguém saiba, espalha cinzas por todo o chão. Então ele fecha as portas do templo e sela-o com o selo do rei, e diz: vamos voltar amanhã de manhã. De manhã, o rei e Daniel e provavelmente toda a sua comitiva voltam, abrem os portões e a comida acaba.

E o rei cai de joelhos e diz: Oh , grande Bel, você é realmente um deus a ser adorado. E Daniel diz, olhe para o chão. E no chão, ao redor do altar, veem pegadas.

As pegadas dos homens, as pegadas um pouco menores das mulheres, as pequeninas pegadas das crianças. E eles seguem as pegadas até uma porta secreta no templo. E eles passam pela porta e saem nos aposentos do sacerdote.

E o rei está furioso por ter sido enganado todos esses anos, por os sacerdotes fingirem que Bel come a comida, mas eles próprios saem e comem a comida todas as noites. Então, ele ordena que sejam mortos e o templo de Bel é destruído. A história obviamente ridiculariza a religião gentia e sugere que os gentios são induzidos a acreditar que os seus deuses são verdadeiros deuses pela artimanha dos seus sacerdotes, que ganham a vida à custa da credulidade do povo gentio.

Agora, a segunda história é muito semelhante. Em algum momento no futuro, o rei leva Daniel a outro santuário sagrado. Desta vez, uma grande cobra ou dragão ou qualquer tipo de animal de sua imaginação que você prefira ter ali é adorado.

E o rei diz, verdadeiramente, Daniel, você não pode negar que este é um deus vivo porque todos nós o vemos se movendo e fazendo o que as cobras fazem. E Daniel, claro, admite que é viver. Mas não um deus.

E ele diz, rei, dê-me licença, e eu matarei aquele seu deus. Então, Daniel inventa essas bolinhas de pelo, basicamente, feitas de cabelo grosso e piche. E ele os alimentou com esta cobra ou dragão.

E logo depois disso, a barriga do dragão incha e explode. E assim, Daniel expôs mais um deus falso. Agora, apenas uma observação: a adoração de animais era rara no mundo antigo, mas é conhecida no Egito.

Isso levou várias pessoas a sugerir que a história de Bela e o Dragão realmente se originou lá, embora se passe na antiga Pérsia. No Egito, crocodilos, íbis e falcões, por exemplo, poderiam ser considerados manifestações da divindade. Mas, novamente, temos uma história que essencialmente defende o seu caso, reduzindo ao absurdo a prática do culto aos gentios.

O final da história, claro, é que o povo está farto e quer que Daniel seja morto porque ele arruinou os deuses e fez do rei um judeu. Então, ele se encontra

novamente na cova dos leões, mas é milagrosamente libertado e o rei fica radiante. Histórias como esta poderiam ajudar a isolar outros judeus da atração das práticas e reivindicações religiosas dos gentios, mas fizeram-no criando reconhecidamente um argumento de espantalho.

Os gentios não entendiam que estavam adorando a estátua do templo ou o próprio animal sagrado. A estátua ou o animal era apenas uma representação física da divindade invisível com quem procuravam interagir. Platão, por exemplo, admitiu abertamente que, embora os ídolos no templo não tenham vida, os deuses vivos que estão por trás deles se sentem bem-dispostos e favoráveis aos adoradores.

No entanto, está claro que, na maior parte dos casos, os judeus não precisaram ir tão longe para desmascarar a religião gentia. Mas quando nos voltamos para outro texto, A Sabedoria de Salomão, entre outras coisas, encontraremos explicações um pouco mais sofisticadas da religião gentia que podem começar a corresponder mais à realidade de como os próprios gentios teriam de admitir que a sua religião começou.